

VIRUS

26

O DEBATE DECOLONIAL TERRITÓRIOS

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH

REVISTA . JOURNAL

ISSN 2175-974X

CC-BY-NC-AS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NOMADS.USP

WWW.NOMADS.USP.BR/VIRUS

DEZEMBRO 2023

NOMADS
USP

IA
URB

USP

WI26

O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES

EDITORIAL

- 001 O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS
THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, THAMYRES REIS, ISABELLA CAVALCANTI, CAIO MUNIZ

ENTREVISTA

- 004 UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR INSUFICIÊNCIAS
A DECOLONIAL PERSPECTIVE TO OVERCOME INSUFFICIENCIES
UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR LAS INSUFICIENCIAS
FERNANDO LUIZ LARA

ÁGORA

- 012 LA DIMENSIÓN ESPACIAL DE LA COLONIALIDAD: UNA PROPUESTA INTERPRETATIVA Y OTRAS VOCES IGNORADAS
THE SPATIAL DIMENSION OF COLONIALITY: AN INTERPRETATIVE PROPOSAL AND OTHER IGNORED VOICES
YASSER FARRÉS DELGADO
- 029 ÀS VEZES É FEIO, MAS TÁ NA MODA! POTÊNCIAS, ADIÇÕES E LIMITES DECOLONIAIS
SOMETIMES IT'S UGLY, BUT FASHIONABLE! DECOLONIAL POWERS, ADDITIONS, AND LIMITS
LEO NAME, TEREZA SPYER
- 041 HACIA UNA ONTOLOGÍA POLÍTICA DEL BUEN VIVIR URBANO
TOWARD A POLITICAL ONTOLOGY OF URBAN BUEN VIVIR
PILAR MARIN, ALDO ALOR, ISRAEL ORREGO-ECHEVERRÍA
- 050 A POÉTICA DA RELAÇÃO E AS CIDADES: PERSPECTIVA PARA UMA URBANÍSTICA DECOLONIAL
THE POETICS OF RELATION AND CITIES: PERSPECTIVE FOR A DECOLONIAL URBANISM
CARLOS HENRIQUE MAGALHÃES DE LIMA
- 059 FOSS, CARTOGRAFÍA, COLONIALISMO Y SOBERANÍA EN PARAGUAY Y EL SUR GLOBAL
FOSS, CARTOGRAPHY, COLONIALISM AND SOVEREIGNTY IN PARAGUAY AND THE GLOBAL SOUTH
JUAN CRISTALDO, GUILLERMO BRITZ, SILVIA ARÉVALOS, LISSANDRY RODRIGUEZ
- 087 A PAISAGEM NA CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER: O NHANDEREKO NA CAPITAL PAULISTA
THE LANDSCAPE IN THE CONSTRUCTION OF GOOD LIVING: THE NHANDEREKO IN SAO PAULO STATE CAPITAL
LUCAS BUENO, FÁBIO GONÇALVES

- 102 ABORDAGENS DECOLONIAIS PARA PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO
DECOLONIAL APPROACHES TO RESEARCH IN URBAN PLANNING
FABIANA SILVA, CINTIA ALVES, ISABELA SANTOS
- 118 EXPERIÊNCIA NO ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO E A CIVILIZAÇÃO NUA DA AMÉRICA DO SUL
EXPERIENCE ON THE ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO AND THE SOUTH AMERICAN NAKED CIVILIZATION
LEONARDO NOVO, LEONARDO SOUZA
- 127 1984: COLONIALISMO E DISTOPIA
1984: COLONIALISM AND DYSTOPIA
PAULA ALBUQUERQUE
- 136 PROSPECTANDO QUALIDADES RELACIONAIS ANTICOLONIAIS NA EDUCAÇÃO EM DESIGN
PROSPECTING ANTI-COLONIAL QUALITIES IN DESIGN EDUCATION
MARCO MAZZAROTTO, FREDERICK VAN AMSTEL, BIBIANA SERPA, SÂMIA SILVA

PROJETO

- 146 RUMO A UM DESENHO URBANO GENUINAMENTE LATINO
TOWARDS A LATIN-BASED URBAN DESIGN
CARLOS COSTA, CARLOS NOME

ÁGORA
ÁGORA

1984: COLONIALISMO E DISTOPIA
1984: COLONIALISM AND DYSTOPIA
PAULA ALBUQUERQUE

Paula Beatriz Alves Albuquerque possui graduação e Mestrado em Letras. Desenvolve pesquisas sobre poesia e espaço urbano, modernidade e surrealismo, além de manifestações de diferentes linguagens poéticas diaspóricas e originárias. albuquerqueb@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7786312610151006>

ARTIGO SUBMETIDO EM 6 DE AGOSTO DE 2023

Como citar esse texto: Albuquerque, P. (2023). 1984: colonialismo e distopia. *VIRUS*, 26, 127-135.
<http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/764>

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a narrativa distópica do romance *1984* de George Orwell enquanto manancial simbólico de compreensão da violência colonialista. O autor nasceu em uma colônia inglesa, foi agente repressor do Império Britânico em uma colônia e testemunhou o mecanismo de funcionamento desse tipo de repressão. Uma das práticas é o controle da autopercepção por ação de uma mídia de massa. bell hooks (2019) argumenta que a mídia contribui para a alienação através da violência e mantém arraigada a noção distorcida que o senso comum tem das comunidades negras. O colonialismo deturpou a noção do “outro” para dominá-lo e mantê-lo subjugado, uma prática tão contundente a ponto de arruinar a capacidade de pensar e de nomear sentimentos. Através do mecanismo da Novafala, observamos a analogia da opressão colonial, em que conceitos, memórias familiares e formas de comunicação foram perdidos e é destarte que a metodologia qualitativa possibilitou-nos conjugar a noção ficcional de distopia com os estudos decoloniais e seus meandros sociopolíticos e históricos inscritos nas nuances do texto. O resultado da aplicação do método permitiu-nos desenvolver uma leitura que abrangesse as vivências das personagens do livro com o ocorrido aos povos originários das Américas, com os povos africanos escravizados ou com a contemporânea ocupação da Palestina.

Palavras-chave: Distopia, 1984, George Orwell, Estudos Decoloniais

1 Introdução

O universo ficcional distópico de *1984*, de George Orwell, publicado em 1949, angustia-nos diante da total falta de liberdade. O controle exercido sobre os cidadãos promove um contínuo apagamento das identidades. O intuito é a fabricação de uma sociedade homogênea em que não haja dissensões. Apagam-se as liberdades individuais, apagam-se os pequenos desejos realizados, apagam-se as doses cotidianas de amor, afeto, felicidade e esperança. A paz dos habitantes repousa na estabilidade do sistema: o bem-estar é proporcionado pelo Partido, porque é ele quem gere o equilíbrio do regime. Controle, disciplina e aderência máxima à ideologia são inquestionáveis. Se for para a felicidade de todos, não é crime apagar a História. Conforme podemos verificar nos sujeitos da Oceânia, bloco geográfico em que a narrativa é delineada, suas vidas são engrenagens no funcionamento da estrutura; o trabalho extenuante e até a pausa para os dois minutos de ódio constituíam uma forma de serem controlados e controladores.

Na obra *1984: A distopia do indivíduo sob controle*, Evanir Pavloski fornece-nos algumas passagens biográficas do autor que possivelmente o teriam influenciado ao compor o romance. Eric Arthur Blair, nome de batismo de George Orwell, cresceu em ambientes coercitivos e disciplinares. Nasceu em 1903, na cidade de Motihari, província de Bengal, Índia Britânica. Depois, foi enviado para uma escola preparatória na Inglaterra, onde viveu até os 14 anos. Conseguiu uma bolsa no Colégio de Eton e, posteriormente, tornou-se policial do Império Britânico na Birmânia, o que o fez vivenciar a violência da colonização na qualidade de agente da coerção. De acordo com o professor, o então Eric Arthur Blair “sente de forma assustadoramente consistente o ódio mudo dos colonizados que, desgastados pela miséria e pelo medo, sufocam a sua revolta e se recolhem em seus próprios pensamentos” (Pavloski, 2014, p. 20). Após essa experiência como agente policial, o escritor passa a residir em Paris, onde trabalha como jornalista. Foi voluntário na Guerra Civil Espanhola e, posteriormente, na Segunda Guerra Mundial.

Em 2020, no Brasil, em plena pandemia causada pelo coronavírus, o grupo de pesquisa Literatura & Utopia completou vinte anos de um prolífico trabalho acadêmico em torno do tema utopia/distopia. Com o intuito de traçar o percurso criativo do grupo nas duas décadas de pesquisa, a professora Ildney Cavalcanti e o professor Alfredo Cordiviola publicaram na Revista *Alêre* o artigo “Literatura & Utopia, vinte anos: criação, resistência e reinvenção” Os autores comentam que em 2018 o grupo elaborou uma coletânea de estudos que representasse “um mapeamento possível das movências desse signo recorrente, utopia/distopia, e de suas múltiplas manifestações nos textos, nas representações visuais e no cinema” (Cavalcanti & Cordiviola, 2021). A perspectiva da movência dos signos permitiu-nos desenvolver o conceito de distopia-colonialismo a partir de *1984*. Continuamos em sintonia com a atuação do grupo, que busca “pontos de ligação” da Literatura com as condições históricas e sociais da América Latina e com as perspectivas da crítica em relação às produções *Queer*, Feministas e Decoloniais. Sendo assim, neste ensaio interpretamos o colonialismo como

um regime totalitário. Em Discurso sobre o colonialismo, o poeta martinicano Aimé Césaire elabora uma narrativa abrangente e contundente sobre a questão colonial, ao entrelaçar momentos históricos diferentes:

E então, um belo dia, a burguesia é despertada por um tremendo choque, como de um bumerangue: as gestapos estão atarefadas, as prisões estão cheias, os torturadores inventam, refinam, discutem em meio aos seus instrumentos de trabalho.

Surpresa e indignação. e as pessoas dizem: Que estranho! Mas, ah! É o nazismo, vai passar! E esperam e esperam; e se mantêm caladas diante da verdade: que é uma barbárie suprema, aquilo que coroa, aquilo que resume o caráter cotidiano das barbáries; que é nazismo, sim, mas antes de serem suas vítimas, foram cúmplices; que esse nazismo, tolerar antes de sofrê-lo; absolveram-no, fecharam seus olhos e o legitimaram, porque, até então, havia sido aplicado apenas a povos não europeus (Césaire, 2020, pp. 17-18).

A distopia é uma categoria ficcional utilizada para elaborar quadros de uma sociedade absolutamente arbitrária, com ações que beiram o inefável. Por isso, a analogia com a colonização é adequada, já que é possível estabelecer pontos de convergência. No livro, um helicóptero se faz de drone e se aproxima de uma das janelas dos apartamentos das Mansões *Victory*. A distopia se insere em um universo que congrega ideologia, tecnologia, corrida armamentista e guerra psicológica. O universo distópico é rodeado de máquinas. No artigo publicado no VIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), o professor Lucas Souza analisa a linguagem fílmica através da gênese da distopia. Os filmes analisados pelo professor apresentam características semelhantes às da Literatura: pesadelo social, paraíso *high-tech* alimentado pelas classes mais pobres, a resistência do protagonista, falta de interação afetiva.

Ao pesquisar o filme “Metropolis” do diretor Fritz Lang, o professor aponta para a causa dos trabalhadores e o estímulo do protagonista em criar uma rebelião contra as máquinas. Há similitude da ditadura das máquinas no filme distópico e no romance distópico. E ainda, de acordo com o autor, muitos diretores do cinema de distopia combinam “ficção com a percepção intelectual de Karl Marx a respeito da cadeia de alienações às quais o ser humano está sujeito na sociedade capitalista” (Souza, 2012, p. 4). A dissertação de mestrado de Débora Reis Tavares sobre *1984* inicia com uma citação de Karl Marx: “Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (Contribuição à Crítica da Economia Política). Pensamos ser pertinente a analogia entre a experiência colonial brasileira e a narrativa ficcional, levando em conta que “o irrealismo absoluto está ainda vinculado a uma tradição platônica de interpretação artística” (Pavloski, 2014, p. 46).

Achille Mbembe (2018) compara um tipo de colonialismo contemporâneo, como o da Palestina, por exemplo, com aquele que tem origem na *plantation*. A noção disciplinar, de desvalorização da soberania dos corpos e a necropolítica são noções que permeiam esses colonialismos. Mbembe observa nesse sistema econômico um detalhe que retoma quando menciona ocupações contemporâneas, que é um “estado de injúria” e continua o seu argumento apontando que tal forma de empreendimento é possível “em um mundo espectral de horrores, crueldade e profandade intensos” (Mbembe, 2018, p. 28). O autor correlaciona a ocupação da Palestina com a escravidão, em que “morte e liberdade estão irrevogavelmente entrelaçadas” (Mbembe, 2018, p. 68), e a questão de viver na dor e na injúria, que é uma constante. Continua: “crianças cegas por balas de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias; soldados urinando nas cercas, atirando nos tanques de água dos telhados só por diversão” (Mbembe, 2018, p. 69). Na ficção, a população também é submetida a viver na dor, e já na abertura do romance, sabemos que a população vive em meio a um estado de injúria, possuem a energia elétrica racionada, assim como a alimentação, sem contar os problemas de saúde. Os trabalhadores não recebem o retorno das suas atividades estafantes.

O Partido é uma máquina de guerra e torna cada indivíduo rodeado de morte. A atmosfera dos locais tem um aspecto de devastação, tanto quanto os indivíduos, utilizados exaustivamente para a extração de recursos. No colonialismo e em *1984*, o corpo e sua força eram valores. No livro, os Proles e os membros do Partido Externo trabalhavam ao máximo para o bem da segurança comum. Simbolicamente, o garimpo nas terras dos indígenas Yanomami seria uma sucursal distópica do legado colonialista, em uma dinâmica que combina trabalho extenuante, exclusão social e material, alienação e violência. Tal situação pode ser compreendida pela noção de epistemicídio, que a filósofa, ativista e criadora do Geledés, Sueli Carneiro (2005), revisita em sua tese de doutorado, defendida pela Universidade de São Paulo:

O conceito de epistemicídio permite-nos adentrar essas esferas, em que a identidade negativa atribuída ao Outro, o é, particularmente no que respeita à sua incapacidade de elevar-se à condição de sujeito de conhecimento nos termos validados pelo Ocidente, ou de ser portador de conhecimentos relevantes do ponto de vista dessa mesma tradição. Tal identidade negativa impacta-o de tal modo pela internalização da imagem negativa, socialmente atribuída, que o impele à profecia autorrealizadora que referenda os termos da estigmatização, ou o conduz à autonegação ou adesão e submissão aos valores da cultura dominante (Carneiro, 2005, p. 277).

O'Brien demonstra a Winston que quem tem o poder controla o conhecimento: dois mais dois podem ser iguais a cinco. Diante da força do epistemicídio praticado na Oceânia, o conhecimento de mundo, que também forma a subjetividade, já não faz mais sentido. Orwell edifica a distopia com elementos irônicos. O trecho a seguir demonstra o contentamento da população após a Oceânia bater todos os recordes de produção e o nível de vida ter subido mais vinte por cento em comparação ao ano passado. A população estava nas ruas, a fim de demonstrar gratidão ao Grande Irmão. Contudo, os itens de consumo seguiam em escassez.

A expressão “vida nova e feliz” foi repetida diversas vezes. Ultimamente essa expressão estava na moda no Ministério da Pujança. Parsons, atento desde o toque da trombeta, ouvia, sentado em silêncio em uma espécie de gravidade boquiaberta, numa espécie de tédio edificado. Era incapaz de acompanhar os números, mas percebia que de alguma forma eles justificavam um estado de satisfação. Segurava um cachimbo grande e sujo, cheio até a metade de tabaco carbonizado. Com o tabaco racionado a cem gramas por semana, poucas vezes era possível encher um cachimbo por completo. Winston fumava um cigarro Victory que mantinha cuidadosamente na horizontal. A nova ração só seria distribuída no dia seguinte e restavam-lhe apenas quatro cigarros. Naquele momento tinha os ouvidos fechados para os ruídos mais afastados e estava escutando o que a teletela transmitia. Foi informado de que houvera inclusive manifestações de agradecimento ao Grande Irmão pelo fato de ter elevado a ração de chocolate para vinte gramas por semana. Sendo que ainda ontem, refletiu, fora anunciada a redução da ração para vinte gramas por semana (Orwell, 2009, pp. 75-76).

Esse ponto da narrativa evidencia o pensamento-crime praticado por Winston, que passa a esconder o seu eu nas profundezas de suas observações e devaneios. Por sua insistência em conservar na memória resquícios de vivências e notícias que confrontassem as verdades propagadas pelo Partido, Winston não era ortodoxo quanto ao duplipensamento, uma violência psicológica que faz o sujeito ter a capacidade de abrigar na consciência duas situações contraditórias e acreditar em ambas, mesmo que seus olhos sejam testemunhas de inúmeras alterações dos discursos proferidos pelo sistema dominante.

2 O grande irmão vigia você

Winston fica pasmo com o colega que não percebe a alteração da realidade em um curto espaço de vinte e quatro horas. A propaganda é um mecanismo indispensável para a manutenção de um sistema de dominação. *Em Olhares negros: raça e representação*, bell hooks argumenta que um dos pilares do poder colonial é a manipulação da imagem, o que influencia negativamente na autopercepção de homens e mulheres: “Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial” (hooks, 2019, p. 33). Aniquilado para qualquer contestação, o colega de Winston simplesmente comemorou o “aumento” da ração de chocolate. Na distopia, a propaganda e o controle da imagem são importantes para a alienação da população. De modo análogo, bell hooks mostra-se preocupada diante de uma plateia de maioria negra que se divertia com cenas de violência entre jovens negros. Trata-se do filme “Os donos da rua” (1991), do diretor John Singleton. De acordo com hooks,

Essa reação é um testemunho poderoso, que revela as formas de representação na sociedade supremacista branca que ensina as pessoas negras a internalizarem o racismo tão profundamente em nossa consciência coletiva que podemos sentir prazer com imagens de nossa morte e destruição (hooks, 2019, p. 40).

O duplipensamento poderia ser interpretado como um resquício dos efeitos da colonialidade. Em uma sessão de cinema, a escritora observou a internalização da violência que atravessa os corpos negros. Por um lado essa violência faz parte de um cotidiano atroz e, no entanto, é igualmente motivo de humor. A maioria da plateia, relata hooks, era de negros. Existe uma narrativa colonial reforçada

pela mídia em atribuir “crimes” aos indígenas e uma forma é rotulá-los de improdutivos. Não fazer nada é um crime contra o capitalismo. Ou no caso da distopia orwelliana, um crime contra o Partido. O professor Evanir Pavloski esclarece essa dinâmica: “Em 1984, todos os ambientes nos quais Winston se inclui são rigidamente organizados e controlados a fim de extrair do indivíduos obediência, tempo e trabalho” (Pavloski, 2014, p. 80).

Temos assim um argumento muito propício à elaboração do artista plástico Jaider Esbell, da etnia Makuxi, reencantado¹ em 2021, sobre o crime indígena da preguiça e da improdutividade, sob ponto de vista neoliberal e de tendência fascista: “A preguiça e a improdutividade atribuída ao índio — leia-se e fala-se indígena — tem o seu peso negativo reforçado com o desconhecimento mínimo do status quo como nascer, viver e trabalhar na floresta” (Esbell, 2018, p. 29). Em uma analogia entre ficção e realidade, as terras indígenas constituem uma utopia dentro da distopia colonial brasileira, da mesma forma que Winston e Julia buscaram uma utopia imersa em um bosque.

Pavloski aponta que o controle também pode ser exercido através da produção e da privação consciente dos recursos, a fim de que a escassez material garanta uma população faminta, cuja finalidade na vida seja trabalhar: “os avanços técnicos desenvolvidos são deliberadamente direcionados para a produção armamentista que acaba por se autoconsumir e refrear qualquer outro avanço que trouxesse a melhoria de condições de vida da população” (Pavloski, 2014, p. 70). A sociedade da Oceânia era submetida a uma corrida armamentista e a ideologia direcionava o uso tecnológico. A mesma analogia é possível em relação aos abusos cotidianos vivenciados pelas populações das favelas, quando a observação e a monitorização com drones, helicópteros e caveirões deixam patente o direcionamento dessa política de morte voltada aos pobres.

Similarmente, na distopia orwelliana havia helicópteros que vigiavam as janelas: “ao longe, um helicóptero, voando baixo sobre os telhados, pairou um instante como uma libélula e voltou a afastar-se com grande velocidade” (Orwell, 2009, p. 12). O estudo atual procura, por meio da narrativa ficcional, encontrar caminhos para entender o nosso tempo, e a metodologia qualitativa foi essencial para contextualizar o horror distópico enquanto modalidade que “abole a distinção entre ficção e realidade no momento em que ele mostra o estado real em que se encontram as coisas: sujeito, mundo e mundo particular” (Souza, 2012, pp. 17-18). Assim, a partir das experiências humanas, desenvolvemos imbricações entre ficção e realidade, já que as experiências das distopias e dos sistemas coloniais utilizam mecanismos de poder parecidos.

2.1 Onisciência seletiva ou policial do pensamento

Uma claustrofóbica condição de vida. Cidadãos compelidos ao ritmo intenso da produção e vigilância sem nenhum momento de descanso, e muito menos de solidão. Os mecanismos do Partido para controle dos corpos e das mentes são ainda mais eficazes quando conjugam esses adestramentos com uma nova política linguística, a Novafala, que promete acabar com a heterodoxia, de modo que nenhuma observação diferente poderá comprometer a solidez do sistema, simplesmente porque não poderá ser pensada. Winston resguarda um pedaço dos seus pensamentos mais perturbadores. No seu quarto existe um beco, uma bifurcação capaz de deixá-lo livre da ininterrupta sentinela do Grande Irmão.

Por alguma razão, a teletela da sala de estar ocupava uma posição atípica. Em vez de estar instalada, como de hábito, na parede do fundo, de onde se podia controlar a sala inteira, ficava na parede mais longa, oposta à janela. Em um de seus lados havia uma reentrância pouco profunda na qual Winston estava agora instalado e que na época da construção dos apartamentos provavelmente se destinava a abrigar uma estante de livros. Sentando-se na reentrância e permanecendo bem ao fundo, Winston conseguia ficar fora do alcance da teletela, pelo menos no que dizia respeito à visão. Podia ser ouvido, claro, mas enquanto se mantivesse naquela posição não podia ser visto. Em parte fora a topografia pouco usual do aposento que lhe dera a ideia de fazer a coisa que estava prestes a fazer (Orwell, 2009, p. 9).

¹ O artista plástico Jaider Esbell faleceu no dia 2 de novembro de 2021, aos 41 anos de idade. Da etnia Makuxi e nascido em Roraima, graduou-se pela Universidade Federal de Roraima e foi um dos expositores da 34ª Bienal de São Paulo. A noção de reencantamento tem ligações profundas com a cosmologia dos povos indígenas, que integra a dinâmica da vida à natureza. Embora haja consideráveis diferenças de cosmogonia entre as etnias, a morte é uma etapa da jornada espiritual, agora em convívio pleno com o mundo natural dos ancestrais.

O que estava prestes a fazer era a composição do seu diário. Já que a teletela podia ainda captar sons e, aparentemente, Winston não estava ao alcance da visão do aparelho, nada melhor do que guardar em um diário o silêncio de suas impressões. Winston estava correto em buscar suas memórias. No entanto, naquela sociedade não havia história; a narrativa era controlada pelo estado totalitário, o que justificava e mantinha esse poder. Não existia equilíbrio entre coerção e consenso. Em Londres, cidade principal da Faixa Aérea I, o consenso é aceitar a coerção absoluta em nome do Partido.

Winston trabalhava no Ministério da Verdade, órgão responsável por fabricar mentiras, uma central de *fakenews* a qualquer momento, a postos para fabricar o presente. Winston tem consciência desse fato e sabe que convive com uma rede de mentiras e compreende que seu trabalho, basicamente, é uma manutenção desse sistema. O que configura um crime no comportamento do protagonista de 1984 é não pensar “com bons olhos” que toda essa mentira é para a sua segurança; ele não concebe e se recusa à manipulação. Enquanto lia o *Livro de Goldstein*, que recebera das mãos de O’Brien, acreditava que lia uma denúncia feita pelo traidor do Partido sobre como o poder era exercido na Oceânia. Deparamo-nos com esses movimentos paralelos, sendo o duplipensamento e o *Livro de Goldstein* casos exemplares. Winston ganhou a obra devido às suas atitudes subversivas, no entanto, desconhece o fato e acredita estar às vésperas de uma revolução. A combinação de um livro dentro do outro evidencia como a metalinguagem pode ser suscitada para que os leitores compreendam o mundo da Literatura. Dessa forma, leitores e leitoras transformam-se em testemunhas e compreendem o efeito do controle mental sobre cada habitante.

De acordo com Débora Tavares, em sua dissertação de mestrado, o narrador possui onisciência seletiva (Tavares, 2013, p. 34) e tem acesso aos devaneios e pensamentos de Winston, narrando com detalhes sua angústia, seus anseios e dores; o seu esforço em resgatar momentos de sua infância e poder delinear uma tela em que pairassem sua família e o agora. O acesso a essas particularidades é algo que um narrador com alguma onisciência poderia nos informar. Ele não é um personagem, ele é uma bifurcação dessa consciência, o que pode ser analisado como um recurso estilístico que confere ênfase ao sistema totalitário. Além disso, também observamos a forma como “ele”, o narrador, descreve questões materiais como se estivesse informando, à espreita ou denunciando, tal qual um policial do pensamento. Descobrimos através desse narrador que Winston tem uma espécie de esconderijo em sua casa, um diário, uma caneta; “ele” sabe a quantidade de pão que o protagonista tem em casa. Dessa forma, também possui um aspecto estrutural que identifica o que vamos descobrir, quando tudo virar ruína: que o funcionário do Ministério da Verdade era monitorado pelo partido há anos: “‘Estou perdendo algum tempo com você, Winston,’ disse, ‘porque é um caso que vale a pena. Você sabe muito bem qual é o seu problema. Faz anos que está a par dele, embora venha tentando negá-lo’” (Orwell, 2009, pp. 288-289). A outra parte da narrativa pode ser a configuração metonímica do próprio Grande Irmão: todos são inspecionados a cada momento de suas vidas.

Por um lado, Tavares e Pavloski apontam que o narrador detém onisciência seletiva, pois o foco narrativo está em Winston, o que ocasiona uma espécie de silêncio em relação aos outros personagens. Por outro, na ambiguidade estrutural da composição, existem pistas a serem analisadas. Uma delas é que o sistema de vigilância ininterrupta promovido pelo Partido deixa a população em um infinito estado de sobreaviso, o silêncio de personagens como o sr. Parsons, não significa que não estivesse também sob vigilância. Todos são treinados para serem vigilantes. O Sr. Parsons, vigiado dentro de casa, foi entregue à Polícia do Pensamento. Assim, no Ministério do Amor, todos os silenciados se encontram. Como não existiam leis apenas costumes, nada parecia ser de fato crime, embora todos fossem controlados e a eficácia dessa ordenação se verificava no quanto os cidadãos espionavam uns aos outros.

Claro, não havia como saber se você estava sendo observado num momento específico. Tentar adivinhar o sistema utilizado pela Polícia das Ideias para conectar-se a cada aparelho individual ou a frequência com que o fazia não passava de especulação. Era possível inclusive que ela controlasse todo mundo o tempo todo. Fosse como fosse, uma coisa era certa: tinha meios de conectar-se a seu aparelho sempre que quisesse. Você era obrigado a viver - e vivia, em decorrência do hábito transformado em instinto - acreditando que todo som que fizesse seria ouvido e se a escuridão não fosse completa, todo movimento examinado meticulosamente (Orwell, 2009, p. 13).

Winston, o Sr. Charrington, o Sr. Parsons e O’Brien são partes do mesmo sistema. Suas condutas servem de exemplo. Winston e o Sr. Parsons cometeram uma delinquência e se configuram como cidadãos que não se enquadram. Praticaram o pensamento-crime, que é a contravenção dos pensamentos e sentimentos contraditórios e questionadores que permanecem calados no recanto mais

particular dos seres e que podem ser revelados a qualquer momento, consoante ao que aconteceu com o vizinho do protagonista. Seguiu com o seu esforço de resguardar a infância e as lembranças de seus pais, como se nesse esforço do pensamento pudesse encontrar saída para uma vida utópica. Dessa forma, o funcionário do Ministério da Verdade, Winston Smith, comete o crime reiteradas vezes.

Não fazia a menor diferença levar o diário adiante ou não. De toda maneira, a Polícia das Ideias haveria de apanhá-lo. Cometera - e teria cometido, mesmo que jamais houvesse aproximado a pena do papel - o crime essencial que englobava todos os outros. Pensamento-crime, eles o chamavam. O pensamento-crime não era uma coisa que se pudesse disfarçar para sempre. Você até conseguia se esquivar durante algum tempo, às vezes durante anos, só que mais cedo ou mais tarde, com toda a certeza, eles o agarrariam (Orwell, 2009, pp. 29-30).

2.2 Criminosos do pensamento

Um dia, a sra. Parsons solicitou a Winston que a auxiliasse com o vazamento na torneira, e enquanto consertava o problema, o homem ficou assombrado com a conduta feroz das crianças. Foi xingado de traidor e criminoso do pensamento, sem contar que o garoto o agrediu fisicamente e disparou um colérico: “*Goldstein!*”. Ao retornar ao seu apartamento após auxiliar a vizinha, concluiu: “Com crianças daquele tipo”, pensou Winston, “aquela infeliz mulher deve levar uma vida de terror. Mais um ou dois anos, e eles começariam a vigiá-la noite e dia em busca do menor sintoma de inortodoxia” (Orwell, 2009, p. 36).

Evanir Pavloski argumenta sobre o idílio idealizado e o idílio posteriormente consumado com Júlia como unidades utópicas dentro da distopia: “A insatisfação com o mundo real e/ou com os regimes que o regulam incita esses pensadores a refletirem constantemente sobre um passado no qual os males do presente não são verificáveis ou sobre um futuro em que as injustiças sociais estariam suprimidas” (Pavloski, 2014, p. 34). Interessante notarmos que o título do ensaio do artista plástico Makuxi, Jaider Esbell, tem o nome de “Makunaima, o meu avô em mim!”. A noção das épocas em transformação não é apenas um matiz artístico, ético, étnico e político do artista e de grande parte dos povos indígenas. Ela é intrínseca ao ser do Cosmos.

Surgimos juntos com a arte todos os desafios do grande existir e suas mais claras urgências individuais e coletivas. Surgimos no aparente caos, como é mesmo descrito entre os grandes Xamãs do mundo e um quase consenso na ciência em termos de rumos para a humanidade enquanto tal. O prenúncio matemático de fim do mundo é também cenário da nossa aparição. Como produto, também desse tempo, tenho a ideia de que a colonização foi um processo, embora saiba que se trata de um ato contínuo.

Assim olhei para todos os lados e vi o meu avô no horizonte. No horizonte está claro também que não haverá cultura tampouco vida - e vida de qualidade, muito menor - para quem quer que seja em nada sendo feito. Não é possível, caso não rompamos alguma membrana extra do agora, pensar uma ideia de futuro em questões de nossa ligação espiritual com a terra e com o nosso lixo (Esbell, 2018, p. 11).

As lembranças são o esforço de depositar nos lugares do passado um sopro de vida. A memória, o diário, o lugarejo bucólico e até mesmo o quarto no bairro dos Proles funcionaram como espaços de luta. O fato de o casal consumir o seu idílio amoroso em um lugar semelhante a um antiquário pode ser interpretado como o esforço de buscar nas memórias as origens. Assim, muitas etnias indígenas ritualizam a memória dos ancestrais no espaço sagrado de suas terras, que também é um espaço de luta. O argumento de que as terras indígenas são improdutivas é um mecanismo para confundir a opinião pública por meio da mídia de massa. Se o sistema está em um constante estado laborativo, o que destoa desse padrão é um crime para o senso comum, que está repleto dessa ideologia.

A impressão lúgubre que Winston tinha da terra em que vivia, em parte, pode ser atribuída à maneira garimpeira de extrair recursos materiais e humanos, deixando apenas ruínas expostas. Essa impressão do protagonista não difere da impressão do Xamã Yanomami, Davi Kopenawa, acerca do garimpo em suas terras, tema constantemente em voga: “Se deixarmos os garimpeiros cavarem por toda parte, como porcos-do-mato, os rios da floresta logo vão se transformar em poças lamacentas, cheias de óleo de motor e lixo” (Kopenawa, 2015, como citado em Kopenawa & Albert, 2015, p. 336). O idílio é crime porque é uma resistência. O que

é possível perceber é que, na estrutura de toda a narrativa, somos informados de que existe uma escrita dentro de outra escrita: além do *Livro de Goldstein*, existe o diário de Winston. O Partido na Oceânia não é senão uma parte de um poder, o mesmo que se configura na Lestásia e na Eurásia. Não importa se haverá invasão e anexação dos territórios de outros continentes; seguimos imersos nesse recurso metalinguístico.

3 Conclusão

A analogia entre a narrativa distópica de *1984* e os estudos decoloniais possibilitou-nos colocar em perspectiva crítica circunstâncias que se correspondem. Nas duas situações observadas, encontramos táticas de reescrita da História, de coerção, de exclusão social e material, de imposição a trabalhos extenuantes e de alienação. Enfim, o aparato de violência com o qual nos deparamos em uma narrativa ficcional é semelhante ao utilizado pelo poder colonial. O Partido colonizava a mente dos seus habitantes e lhes impunha um Estado belicista, policialesco e propagandístico. A máquina desse imenso aparato de controle é responsável por construir as narrativas oficiais e perseguir as dissidentes. As características da Oceânia revelam as dificuldades intrínsecas que mulheres, crianças e homens enfrentaram na construção de suas subjetividades em sociedades marcadas pelo colonialismo. As pesquisas decoloniais evidenciam o histórico da opressão, constituindo-se como fonte teórica e crítica na busca por autonomia política, econômica, estética, intelectual e existencial.

Portanto, neste trabalho, interligamos a noção de distopia e colonialismo, fortalecendo a argumentação previamente mencionada pelo professor Lucas de Souza sobre a sutil linha de distinção entre distopia e realidade. Mesmo que o artigo do professor, publicado no 8º. ENECULT, se relacione ao cinema distópico, pautamo-nos na indagação do professor e também nas descobertas realizadas pelos professores Ildney Cavalcanti e Alfredo Cordivola, publicadas em artigo na Revista *Alêre*, em celebração aos vinte anos de existência do Grupo Literatura & Utopia. As descobertas desses professores demonstram a complexa relação cultural causada por algo que seria a coesão dessas noções utopia/distopia. Além disso, permitem uma reavaliação das discussões, levando em conta as particularidades da América Latina, por exemplo.

Nas sociedades colonizadas, a política de disciplinarização dos corpos encontra um paralelo no Ministério do Amor retratado na obra de ficção. São sistemas de doutrinação dos corpos e das mentes, seja dentro da sociedade fictícia ou em um país colonizado no mundo real. Temos indícios de como a sujeição comportamental é recompensada ou punida de acordo com os interesses dominantes. Isso abrange a vigilância generalizada, mas também resulta em uma autovigilância, na qual o indivíduo não pode ou não deveria abrigar qualquer vestígio de resistência ao sistema, uma vez que, de alguma maneira, isso estaria sujeito à investigação do Partido.

“Você é culpado?”, perguntou Winston.

“Claro que eu sou culpado!”, exclamou Parsons com um olhar servil para a teletela. “Você acha que o Partido iria prender um inocente?”. A cara de sapo ficou mais calma e até adquiriu uma expressão de santimônia. “Pensamento-crime é uma coisa horrível, velho”, disse sentencioso. “é um inferno, pode dominar você sem você se dar conta. Sabe como ele me dominou? Enquanto eu dormia! Verdade. Eu estava lá trabalhando, tentando fazer a minha parte - nunca imaginei que tivesse alguma coisa negativa na minha mente. E aí comecei a falar dormindo. Você sabe o que eles me ouviram dizer?”

Ele baixou o tom de voz como alguém obrigado por ordens médicas a pronunciar uma obscenidade.

“Abaixo o Grande Irmão!”

(...)

“Quem denunciou você?”, indagou Winston.

“Foi minha filhinha”, disse Parsons com uma espécie de orgulho pesaroso (...) (Orwell, 2009, pp. 275-276).

Nesses tempos de constantes “agoras”, é imprescindível dominar as consciências. O garimpo em terras indígenas para a extração de seus recursos naturais é de extrema importância para o sistema; no entanto, é igualmente importante controlar a opinião pública acerca dessa necessidade. Além disso, é crucial controlar os indígenas, inicialmente por meio de doenças e posteriormente através de catequeses e diversas formas de conversão. Na prisão do Ministério do Amor, Winston é informado por O’Brien que o principal projeto do Partido é o controle das mentes da população.

Controlamos a matéria porque controlamos a mente. A realidade está dentro do crânio. Aos poucos você vai aprender, Winston. Não há nada que não possamos fazer. Levitar, ficar invisíveis - qualquer coisa. Se eu quiser, posso flutuar como uma bolha de sabão. Mas não quero, porque o Partido não quer. Você precisa se livrar dessas ideias do século XIX a respeito das leis da natureza. Nós é que fazemos as leis da natureza” (Orwell, 2009, p. 309).

Dessa forma, chegamos à conclusão de que o controle mental potencializa a adesão ao sistema, e a coerção torna-se um aspecto cotidiano, pois as pessoas aderem aos costumes do governo. “É de pequeno que se faz o grande”, diz o ditado. Assim, o partido investe na conversão das crianças, gerações inteiras que crescem sem possuir um quadro comparativo do passado em relação ao presente. Até mesmo o terraplanismo, uma perspectiva religiosa amplamente difundida, igualmente reafirmada por filósofos e cientistas e propagada recentemente, encontra seu espaço na distopia de 1984: “O que são as estrelas?, disse O’Brien com indiferença. Pontos de fogo a alguns quilômetros de nós. Poderíamos tocá-las, se quiséssemos, ou apagá-las. A Terra é o centro do universo. O Sol e as estrelas giram em torno dela” (Orwell, 2009, p. 310).

Referências

- Carneiro, A. (2005). *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo.
- Cavalcanti, I.F.S., & Cordiviola, A. (2021). *Literatura & Utopia, 20 ANOS: criação, resistência e reinvenção*. Revista Alêre, v. 24(2), pp.15-35.
- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. Veneta.
- Eshell, J. (2018 Jan/Jul). *Makunaima, o meu avô em mim!* Revista *Iluminuras*, 19(46), pp. 11-39.
- hooks, b. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. Editora Elefante.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. n-1 edições.
- Orwell, G. (2009). *1984*. Companhia das Letras.
- Pavloski, E. (2014). *1984: a distopia do sujeito sob controle*. Editora UEPG.
- Souza, L. (2012). *Cinema de distopia: gênese, resistência e engajamento*. Trabalho apresentado no 8. Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura. 8 ed. Salvador: Ufba, 2012, v. 8, pp. 23-39. <https://cult.ufba.br/wordpress/biblioteca/trabalhos-apresentados-no-enecult/1566-2/>
- Tavares, D. (2013). *A revolta contra o totalitarismo em 1984 de George Orwell, a formação do herói degradado*. Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.